

## Formação em desalinho? A perspectiva de auxiliares de sala sobre a capacitação na educação infantil | *Training in disarray? The perspective of classroom assistants on training in early childhood education*

DOI: [10.24979/ambiente.v18i2.1646](https://doi.org/10.24979/ambiente.v18i2.1646)

Graziela Vieira Felipe   
Mariana Patricio de Sousa   
Henrique Pereira da Silva 

**Resumo** Os auxiliares desempenham um papel importante de apoio ao professor no contexto de sala de aula, sobretudo no atendimento integral às crianças, e ainda assim permanecem à margem dos debates sobre formação profissional e docente. Em vista disso, este estudo emerge a partir do seguinte questionamento: Como os auxiliares de sala avaliam a sua capacitação para atuação na educação infantil? O objetivo geral consiste em compreender a perspectiva de auxiliares de sala sobre a capacitação para atuação na educação infantil. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa com entrevistas semiestruturadas com 6 auxiliares de sala que atuam em escolas públicas do Sertão Central Cearense. Os principais resultados indicam a existência de uma lacuna significativa entre a formação e a atuação profissional desses auxiliares, além de apontar para aspectos como falta de reconhecimento profissional, escassez de formações específicas para atuar na educação infantil e sobrecarga de trabalho. Este estudo conclui que os auxiliares de sala enfrentam uma formação insuficiente e pouco alinhada às exigências da prática pedagógica na educação infantil.

**Palavras-chave:** Auxiliar de Sala. Educação Infantil. Valoração Profissional. Formação continuada.

**Abstract** Teaching assistants play an important role in supporting teachers in the classroom, especially in providing comprehensive care for children, yet they remain on the margins of debates about professional and teacher training. In view of this, this study emerges from the following question: How do teaching assistants assess their training for working in early childhood education? The overall objective is to understand classroom assistants' perspectives on their training to work in early childhood education. To this end, a qualitative study was conducted using semi-structured interviews with six classroom assistants working in public schools in the Central Sertão region of Ceará. The main results indicate the existence of a significant gap between the training and professional performance of these assistants, in addition to pointing to aspects such as lack of professional recognition, scarcity of specific training to work in early childhood education, and work overload. This study concludes that classroom assistants face insufficient training that is poorly aligned with the requirements of pedagogical practice in early childhood education.

**Keywords:** Classroom Assistant. Early Childhood Education. Professional Development. Continuing Education.

## 1.1 Introdução

De acordo com Piaget (1976), a escola é um dos ambientes mais importantes no processo de formação da psiquê da criança, pois é neste ambiente que ela constrói o conhecimento a partir de um processo de interação com ele. Ou seja, a escola se constitui como um espaço importante de desenvolvimento sociocognitivo da criança.

Na sala de aula, algumas figuras-chave desempenham um papel importante na manutenção e estímulo da aprendizagem da criança, como é o caso do professor regente, e de um possível auxiliar de sala. Nessa dinâmica escolar, esse auxiliar assume um papel estratégico de apoio na manutenção da sala de aula ao ajudar o docente no atendimento às crianças, se concebendo como um importante parceiro pedagógico do professor (Abuchaim, 2018).

Nesse cenário, os auxiliares de educação infantil surgem como figuras importantes, atuando como mediadores entre as demandas pedagógicas e as necessidades do cotidiano da sala de aula. Embora sua atuação seja fundamental, a capacitação desses profissionais muitas vezes não tem uma qualidade adequada, como destacam Jesus e Ferreira (2024a), ao apontarem que ocorre uma segmentação das atribuições profissionais na educação infantil, onde o papel educativo é predominantemente associado aos professores, enquanto os auxiliares ficam responsáveis pelas atividades de cuidado, fragmentando a concepção integrada entre educar e cuidar, essencial nessa etapa de desenvolvimento.

Embora a Lei n. 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB) (Brasil, 1996) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (Brasil, 2010), reconheçam a importância da formação qualificada para os profissionais da educação, ainda são incipientes as menções em dispositivos legais ou outras regulamentações legislativas acerca da atuação do auxiliar de sala.

Essa ausência de regulamentações específicas evidencia um vazio normativo que impacta diretamente a valorização e o reconhecimento desses profissionais no contexto escolar. Ainda assim, alguns pareceres normativos, como o Parecer do Conselho Nacional de Educação e da Câmara de Educação Básica CNE/CEB nº 2/2002, reconhecem a possibilidade de admissão de auxiliares na Educação Infantil, especialmente na etapa de 0 a 3 anos (Brasil, 2002).

A discussão sobre a formação e valorização dos auxiliares de sala de aula ganha novos contornos à luz do Projeto de Lei n. 1.377/2025, que propõe a regulamentação nacional da profissão de Auxiliar de Vida Escolar (AVE). Embora trate de uma função distinta, voltada especificamente ao atendimento individualizado de estudantes com deficiência e outras condições específicas, o projeto evidencia a crescente demanda por reconhecimento legal, formação específica e valorização de profissionais que atuam no suporte direto ao processo educativo (Brasil, 2025).

A relevância deste estudo reside na necessidade de proporcionar uma escuta das vivências e percepções dos auxiliares de sala que atuam diretamente no cotidiano da educação infantil, mas que, historicamente, têm sua atuação invisibilizada nos debates sobre

formação e valorização profissional. Este estudo busca preencher uma lacuna de pesquisa ao direcionar essa discussão para o centro das reflexões sobre o trabalho pedagógico na educação infantil, reconhecendo os auxiliares como sujeitos ativos no processo de cuidado, ensino e aprendizagem.

Com isso, emerge a seguinte questão de pesquisa: Como os auxiliares de sala avaliam a sua capacitação para atuação na educação infantil? O objetivo geral consiste em compreender a perspectiva de auxiliares de sala sobre a capacitação para atuação na educação infantil. Os objetivos específicos envolveram: (1) Identificar os principais desafios enfrentados pelos auxiliares de sala no exercício de suas funções e na formação para atuação na Educação Infantil; (2) Analisar a adequação dos conteúdos e formatos das formações recebidas às demandas práticas do cotidiano escolar; (3) Compreender a dinâmica da relação entre os auxiliares de sala e os professores titulares.

Para isso, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa e caráter exploratório e descritivo, onde foram entrevistados 6 auxiliares de sala que atuam em escolas públicas de uma cidade do interior do Estado do Ceará.

Este artigo está dividido em cinco tópicos, sendo o primeiro esta introdução, que contextualiza o tema, justificativa, questão de pesquisa e objetivos. Em seguida, a fundamentação teórica, que aborda o papel do auxiliar de sala e os aspectos vinculantes à sua capacitação profissional. A seção seguinte apresenta a metodologia da pesquisa, que é seguida pela seção de resultados e discussão. Por fim, são apresentadas as considerações finais deste estudo, que envolvem a reflexão sobre os principais resultados da pesquisa, limitações e sugestões para pesquisas futuras.

## **1.2 Fundamentação Teórica**

A fundamentação teórica deste estudo se subdivide em dois eixos: o primeiro, aborda o papel do auxiliar de sala de aula e os aspectos relacionados à sua formação no contexto da educação infantil, enquanto o segundo discute as bases legais e políticas para a atuação desses profissionais.

### **1.2.1 Entre o fazer e o saber: o papel e a formação dos auxiliares na Educação Infantil**

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, e ao longo das últimas décadas, passou por transformações no Brasil, marcadas por disputas sociais, políticas e conceituais. Até a década de 1980, o caráter educacional assistencialista predominava, pois a educação era voltada para o cuidado infantil, concebendo-se como uma política pública de compensação social (Kramer, 2003).

Com a promulgação da Constituição Federal de 1988 e posteriormente a LDB em 1996, a Educação Infantil se consolidou como um direito da criança e dever do Estado (Brasil, 1988, 1996), assumindo também uma dimensão pedagógica. No entanto, essa mudança normativa não superou totalmente a histórica fragmentação entre o binômio “cuidar e

educar”, cuja herança provém de um modelo patriarcal e classista que tende a desvalorizar o trabalho com a primeira infância (Mandl, 2025).

Santos, Tavares e Anjos, (2025), argumentam que na educação infantil existe uma divisão hierárquica de funções que atribui aos professores as responsabilidades pedagógicas, enquanto restringe os auxiliares às atividades de cuidado físico como higiene e alimentação. Essa segmentação, que aproxima o papel do auxiliar a funções domésticas, acaba por marginalizar sua contribuição no processo educativo, ignorando a natureza indissociável entre cuidado e educação no desenvolvimento infantil. Os autores destacam que essa distinção artificial desvaloriza socialmente os auxiliares, mas também fragiliza a compreensão do trabalho educativo como uma prática integrada e unitária.

Abuchaim (2018) destaca que o auxiliar de sala representa um importante recurso para melhorar tanto as condições de trabalho dos professores como a melhoria da qualidade do atendimento oferecido às crianças. Suas demandas são multifacetadas, abrangendo aspectos pedagógicos, de cuidado e de organização.

Como destaca Tavares (2019), a presença desses profissionais é fundamental para uma educação inclusiva, porém a eventual falta de clareza sobre suas funções pode levar à subutilização desse recurso humano valioso. Ele é responsável por apoiar na preparação de materiais didáticos e na organização do espaço, tornando o ambiente propício para a aprendizagem. Além disso, oferece suporte individualizado para alunos com necessidades especiais, cumprindo um papel essencial no processo educacional.

Apesar de relevante, a atuação desses profissionais é frequentemente negligenciada e não recebe o reconhecimento adequado. Concomitantemente, Jesus e Ferreira (2024b, p. 9), trazem uma reflexão necessária ao enfatizarem que, além da “[...] questão do lugar profissional temos ainda uma outra problemática, pois não há registro de uma formação específica para o exercício de tal função e não tem como ter, pois, até o momento, não há o reconhecimento dessa ocupação”. Ou seja, tal perspectiva reforça ainda mais a falta de reconhecimento desses auxiliares de classe, que pode ser decorrente da ausência de registro, formação e capacitação profissional.

No ambiente da sala de aula da educação infantil, o pedagogo e o auxiliar de sala desempenham papéis interconectados e essenciais para a efetividade do processo educativo. De acordo Jesus e Ferreira (2024a), o docente qualificado, seja por meio da licenciatura em Pedagogia ou da formação no ensino médio na modalidade normal, assume a responsabilidade primordial por todas as atividades desenvolvidas nessa etapa, devendo contemplar as particularidades inerentes a ela.

Nesse contexto dinâmico, o auxiliar de sala se configura como um profissional de apoio fundamental, atuando na interface entre o planejamento pedagógico e a experiência cotidiana das crianças. Sua colaboração estreita com o pedagogo manifesta-se no suporte prático à organização do ambiente de aprendizagem, no cuidado individualizado das necessidades infantis e no acompanhamento das atividades propostas (Souza, 2020).

A qualidade das interações estabelecidas pelo auxiliar com as crianças, caracterizadas pelo acolhimento e pelo estímulo, contribui diretamente para a formação de vínculos seguros, para o desenvolvimento da autonomia infantil e para a consolidação de um ambiente de aprendizagem positivo e inclusivo (Santos; Tavares; Anjos, 2025). Deste modo, a atuação do auxiliar de sala, alicerçada em uma compreensão articulada entre os princípios pedagógicos e psicológicos, revela-se imprescindível para o desenvolvimento integral e o florescimento das potencialidades de cada criança na educação infantil (Pinheiro, 2017).

A capacitação do auxiliar de sala, fundamentada nos princípios da psicologia do desenvolvimento, é essencial para o desempenho eficaz de suas funções na educação infantil. De acordo com a perspectiva construtivista de Piaget (1976) o conhecimento é resultado da interação ativa entre o indivíduo e os objetos ou situações que o rodeiam, cabendo ao sujeito um papel fundamental na construção do seu próprio saber e desenvolvimento. Nesse contexto, a formação do auxiliar permite que ele compreenda as nuances comportamentais das crianças, identificando necessidades específicas e colaborando com o pedagogo na elaboração de possíveis estratégias de ensino personalizadas que respeitem esse processo de construção do conhecimento da criança.

Nessa perspectiva, a construção do conhecimento não é vista como um processo passivo de recepção de informações, mas como uma atividade intencional do sujeito que, ao interagir com o meio, ressignifica suas experiências e produz sentidos. Como destaca Becker (2012), aprender implica reorganizar saberes a partir das vivências, num movimento contínuo entre ação, reflexão e reconstrução do real.

Por fim, essa capacitação também prepara o profissional para lidar com os desafios cotidianos da sala de aula, ajudando a minimizar tensões e a criar um ambiente propício para que as crianças, como agentes ativos de seu aprendizado, possam explorar e interagir com o mundo que as cerca. Dessa forma, a formação continuada do auxiliar, aliada aos princípios construtivistas, fortalecem a sua atuação profissional, enriquecendo o trabalho pedagógico, favorecendo um desenvolvimento infantil mais autônomo e significativo.

Diante da importância da atuação dos auxiliares de sala no cotidiano escolar, torna-se essencial compreender em que medida as legislações e políticas educacionais reconhecem e regulamentam essa função.

### **1.2.2 Reconhecimento legal e político dos auxiliares de sala: O que temos até aqui?**

A DCNEI (Brasil, 2010) e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 1996), destacam a importância de um ambiente acolhedor e estimulante para o desenvolvimento integral das crianças, reforçando a necessidade de profissionais qualificados. Embora não mencionem especificamente os auxiliares de sala, esses documentos fundamentam sua atuação ao valorizar o trabalho em equipe, o cuidado educativo e a mediação pedagógica, elementos essenciais para garantir uma educação infantil de qualidade e alinhada às necessidades das crianças.

Um documento normativo que tangencia a função dos auxiliares é o Parecer CNE/CEB nº 2/2002, que admite a contratação de profissionais não docentes para atuarem como apoio na educação infantil, especialmente na etapa de 0 a 3 anos:

Assim, em conclusão a esta indagação, fica estipulado, que a permissão da contratação de auxiliares e de profissionais de outra área de formação, além da do Magistério, é líquida e certa, entretanto, com a exigência da formação mínima do nível médio, na respectiva área, superada a fase emergencial e ou inicial da implantação da Lei nº9394/96 e das Diretrizes Curriculares Nacionais, Resolução CNE/CEB – nº 1/99 (Brasil, 2002, p. 3).

A Resolução CNE/CEB nº 5/2009 estabelece que a Educação Infantil, como primeira etapa da educação básica, deve ser oferecida em creches e pré-escolas, definidas como instituições educacionais públicas ou privadas que atendem crianças de 0 a 5 anos em período diurno, com jornada integral ou parcial. Esses espaços, regulados e supervisionados pelos sistemas de ensino, têm como finalidade integrar educação e cuidado, assegurando o desenvolvimento infantil em um ambiente institucional não doméstico e submetido ao controle social (Brasil, 2009).

Mesmo que a legislação em questão não mencione explicitamente o auxiliar de sala, ela enfatiza a natureza indissociável dos processos de cuidado e educação. Nesse contexto, o auxiliar de sala surge como um agente fundamental, contribuindo para a criação de ambientes acolhedores e pedagogicamente estruturados, alinhados às diretrizes oficiais. Nesse sentido, Santos, Tavares e Anjos (2025) refletem que, apesar da presença efetiva desses profissionais no cotidiano escolar, sua atuação ainda se mostra carente de regulamentação legal específica, o que configura uma lacuna normativa em relação aos critérios claros quanto à valorização profissional e às condições de trabalho, o que por sua vez gera insegurança jurídica, institucional, profissional e social para esses auxiliares.

Como já mencionado, o Projeto de Lei nº 1377/2025, em tramitação na Câmara dos Deputados, propõe a regulamentação da profissão de Auxiliar de Vida Escolar (AVE), ainda que vise auxiliares de estudantes com deficiência e outras condições específicas no contexto escolar (Brasil, 2025). Ainda assim, esse projeto evidencia uma mobilização política relevante em torno da valorização de profissionais de apoio à educação, o que pode abrir precedentes para o reconhecimento formal dos auxiliares de sala.

De modo geral, o que se mostra até aqui é um cenário normativo que reconhece a importância do trabalho coletivo de profissionais no contexto da educação infantil, mas ainda não respalda especificamente a atuação dos auxiliares de sala, já que na prática, eles assumem funções diversas, mas no papel continua sendo formalmente delimitado como mero apoio. Diante desse cenário, tornou-se necessário compreender como os próprios auxiliares percebem sua formação e atuação no cotidiano escolar. Para isso, apresenta-se a seguir o percurso metodológico adotado neste estudo.

### 1.3 Metodologia

A presente pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, justificada pela necessidade de explorar em profundidade as experiências e desafios enfrentados pelos profissionais auxiliares de sala de aula. Como destacam Mineiro, Silva e Ferreira (2022), esse método investigativo se mostra particularmente adequado por valorizar as relações entre os sujeitos e seu contexto, reconhecendo a importância da subjetividade tanto dos participantes quanto do pesquisador no processo de investigação.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, técnica que se destaca na pesquisa qualitativa por permitir, mediante interação verbal, a apreensão de significados, valores e experiências dos participantes (Oliveira; Guimarães; Ferreira, 2023). Foram utilizadas perguntas abertas com foco em práticas metodológicas, dificuldades no exercício das funções e a relação com os professores.

Os sujeitos da pesquisa foram 6 auxiliares de sala de aula atuantes na educação infantil, selecionados de forma aleatória, em instituições públicas e privadas de creche e pré-escola, localizadas em uma cidade da região do Sertão Central do Estado do Ceará. As entrevistas foram realizadas entre os meses de abril e maio de 2025, individualmente, e os áudios foram gravados com o consentimento dos participantes, garantindo maior fidelidade na transcrição e análise dos dados.

A análise dos dados coletados por meio de roteiro de entrevista semiestruturada seguiu a técnica de análise de conteúdo, conforme Bardin (2011), permitindo uma interpretação sistemática das falas com base em padrões, recorrências e categorias temáticas. O processo foi estruturado em três etapas: (1) pré-análise, com organização do material e leitura flutuante; (2) exploração do material, por meio da codificação e categorização das informações; e (3) tratamento dos resultados e interpretação, articulando os dados à luz da fundamentação teórica e aos objetivos da pesquisa. Valle e Ferreira (2025) ressaltam que a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas que permitem analisar dados da pesquisa, além de ser bastante utilizada em pesquisas qualitativas na educação, por permitir uma compreensão subjetiva e profunda do fenômeno.

O presente estudo seguiu os princípios éticos das normas nacionais para pesquisas com seres humanos, assegurando o respeito à dignidade, ao anonimato e à voluntariedade dos participantes, conforme a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) contemplou os elementos previstos na Resolução nº 466/2012, incluindo os objetivos do estudo, procedimentos adotados, possíveis desconfortos, garantias de sigilo e liberdade de participação, forma de acompanhamento e entrega de uma via do termo a cada participante. Cabe destacar que a pesquisa não foi submetida a Comitê de Ética em Pesquisa, por não envolver temáticas sensíveis nem riscos aos participantes, restringindo-se à escuta de experiências profissionais dos auxiliares de sala sobre sua capacitação para atuar na Educação Infantil. Ainda assim, todas as

etapas foram conduzidas em consonância com as normativas éticas nacionais, assegurando a robustez e a integridade do processo investigativo.

A seguir, são apresentados os principais resultados obtidos a partir da análise das entrevistas, articulados com os referenciais teóricos discutidos e com os objetivos propostos neste estudo.

### 1.4 Resultado e discussão

Esta seção apresenta os principais resultados obtidos a partir da análise das entrevistas, organizados em quatro eixos temáticos: (1) o perfil sociodemográfico dos participantes; (2) os desafios enfrentados pelos auxiliares em relação à formação e à atuação profissional; (3) a adequação dos conteúdos abordados nas formações às demandas da prática cotidiana; e (4) a dinâmica da relação entre o auxiliar de sala e o professor titular no contexto educativo. Esses temas foram analisados à luz dos referenciais teóricos e dos objetivos propostos neste estudo.

#### 1.4.1 Perfil sociodemográfico dos participantes da pesquisa

Os dados da Tabela 1.1 apresentam o perfil sociodemográfico das seis participantes entrevistadas, todas do gênero feminino, com idades entre 20 e 35 anos. As entrevistadas foram codificadas com a palavra “E”, que significa “Entrevistada”, juntamente com o número da entrevista.

**Tabela 1.1:** Perfil sociodemográfico das participantes da pesquisa.

| E  | Idade | Gênero   | Filhos | Formação Acadêmica | Tempo de atuação na EI | Renda       | Formação na EI |
|----|-------|----------|--------|--------------------|------------------------|-------------|----------------|
| E1 | 27    | Feminino | 1      | Nutrição           | 4 anos                 | R\$1.300,00 | TEA            |
| E2 | 20    | Feminino | Não    | Cursando Pedagogia | 3 anos                 | R\$1.500,00 | Não            |
| E3 | 28    | Feminino | Não    | Psicologia         | Não informado          | R\$1.300,00 | Não            |
| E4 | 35    | Feminino | 2      | Téc. de Enfermagem | 3 anos                 | R\$1.300,00 | Cuidadora      |
| E5 | 29    | Feminino | 1      | Cursando Pedagogia | 1 ano                  | R\$1.300,00 | Não            |
| E6 | 30    | Feminino | Não    | Cursando Pedagogia | 4 anos                 | R\$1.300,00 | Não            |

**Fonte:** Os autores (2025).

Observa-se diversidade em relação à formação profissional e acadêmica, com predominância de entrevistadas em processo de formação na área da Pedagogia. A metade possui filhos, atua na área há pelo menos três anos e recebe uma renda mensal entre R\$ 1.300,00 e R\$ 1.500,00. Algumas relataram formação complementar voltada para atuação com crianças, como cuidadora ou em Transtorno do Espectro Autista - TEA.

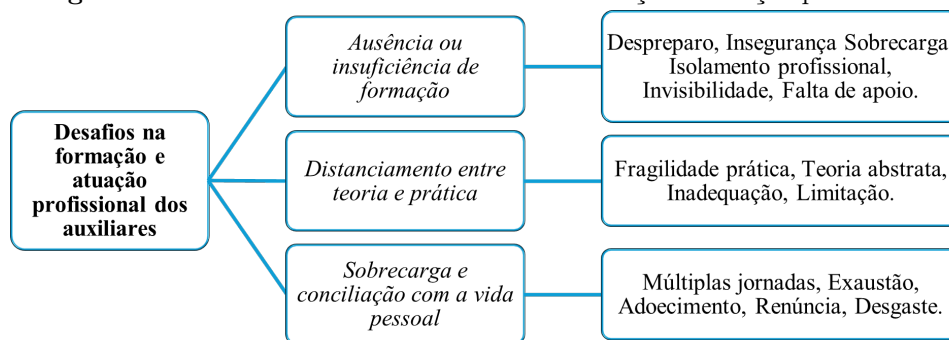
A partir da caracterização do perfil das participantes, torna-se possível compreender com mais profundidade os desafios que marcam sua trajetória profissional, que são apresentados e discutidos no tópico a seguir.

### 1.4.2 Desafios enfrentados pelos auxiliares de sala em relação à formação e atuação profissional

Esta seção apresenta os resultados obtidos a partir das entrevistas realizadas com os auxiliares de sala da Educação Infantil. As respostas dos participantes possibilitaram compreender as experiências, percepções e desafios vivenciados no exercício da função, especialmente em relação aos desafios enfrentados pelos auxiliares de sala em relação à formação e atuação profissional.

A Figura 1.2 abaixo apresenta uma rede semântica construída a partir da análise das falas das entrevistadas, sintetizando os principais desafios enfrentados pelas auxiliares de sala em relação à formação e atuação profissional.

**Figura 1.2:** Rede semântica dos desafios na formação e atuação profissional.



**Fonte:** Os autores (2025).

O primeiro grupo de desafios identificados foi a ausência ou insuficiência de formação, representadas por termos como despreparo, insegurança sobrecarga, isolamento profissional, invisibilidade e falta de apoio. Em seguida, o distanciamento entre teoria e prática também foi notabilizado como um desafio, que se desmembrou em termos como fragilidade prática, teoria abstrata, inadequação e limitação. Por fim, o último grupo de desafios foi representado pela sobrecarga e conciliação com a vida pessoal, que contemplou termos como múltiplas jornadas, exaustão, adoecimento, renúncia e desgaste. A seguir, cada um desses grupos de desafios será analisado individualmente.

#### 1.4.2.1 Ausência ou insuficiência de formação

A maioria das entrevistadas relatou não ter recebido formação adequada antes de iniciar suas atividades. Nessa perspectiva, a Entrevistada 1 relata:

Eu acho que a maior problemática é exatamente tentar ter pelo menos uma base, porque a gente sabe que criança já não é fácil, e criança atípica é mais complicado ainda. Requer mais atenção, requer uma formação, e infelizmente a gente não recebe, entre outras, esses apoios (E1).

A ausência ou insuficiência de formação adequada antes do início das atividades, destacada pelas entrevistadas, confirma achados na literatura. Silva e Lins (2024) apontam que a formação continuada para auxiliares de sala da educação especial precisa ser ampliada e mais bem estruturada, com foco na divisão clara das atribuições e no conhecimento específico sobre transtornos, como autismo e TDAH.

A falta de qualificação e formação adequada dos auxiliares de classe representa um dos principais desafios para uma atuação efetiva no contexto da educação inclusiva. Muitos desses profissionais relatam insegurança e desconforto ao lidar com alunos com TEA e outras necessidades específicas, justamente porque a formação inicial não contempla conhecimentos e práticas voltadas para a inclusão.

Além disso, a ausência de planejamento colaborativo, a dificuldade em adaptar currículos, metodologias e ambientes, somada à carência de recursos estruturais e pedagógicos, acaba sobrecarregando ainda mais os auxiliares, que frequentemente se sentem isolados no exercício de suas funções. Esse cenário evidencia que o aumento das matrículas de alunos com deficiência não se traduz, necessariamente, em práticas inclusivas de qualidade, quando o olhar da escola permanece centrado nas dificuldades, e não nas potencialidades de cada aluno (Leonel *et al.*, 2022).

A problemática da ausência de formação específica e contínua para os profissionais de apoio na educação infantil é uma questão documentada na pesquisa acadêmica. Em consonância com essa discussão, o estudo de Tavares *et al.* (2023), evidencia que os próprios professores reconhecem *déficits* no preparo dos auxiliares. Segundo os autores supracitados, essa lacuna formativa gera consequências diretas para o trabalho pedagógico. Isso é uma realidade vivenciada pelas participantes deste estudo, como é o caso da Entrevistada 3 que enfatiza: “Tem necessidade de formação, mas, na prática, ela não existe. É extremamente importante, porque, assim como você vai trabalhar com crianças, você tem que ter uma noção de como lidar com elas”.

#### 1.4.2.2 Distanciamento entre teoria e prática

Mesmo os que relataram alguma formação apontam que os conteúdos são genéricos ou desconectados da realidade da sala de aula. Nesse sentido, as Entrevistadas 4 e 6, afirmam, respectivamente, que: “Na teoria são duas formações, mas, na prática, é diferente” (E4). “[...] Sim, um a cada ano na instituição. Atende pelo que a gente aprendeu, mas, na prática, nem tudo é como na teoria” (E6).

A desconexão entre teoria e prática, relatada por diversos participantes da pesquisa, reflete um dos principais desafios enfrentados nas formações destinadas aos auxiliares de sala. Muitos apontaram que os conteúdos oferecidos são excessivamente teóricos, genéricos ou distantes da realidade vivida em sala de aula. Em consonância, Sgrogia (2020) destaca que a formação continuada deve contribuir diretamente para o aperfeiçoamento da prática, por meio da articulação entre saberes, experiências e reflexões centradas nas aprendizagens das crianças.

### 1.4.2.3 Sobrecarga e conciliação com a vida pessoal

Algumas participantes mencionaram dificuldades para conciliar a rotina profissional com responsabilidades pessoais e acadêmicas, como a Entrevistada 1, ao afirmar que “O pessoal da gestão oferece recursos e palestras, mas quem é mãe de família sente mais dificuldade”. A Entrevistada 6 também afirma que: “Sim, sempre aparece curso, mas cabe a gente querer participar e ter interesse, mas às vezes não dá”.

As respostas das auxiliares evidenciam que a sobrecarga decorrente das múltiplas jornadas (pessoal, profissional, acadêmica, doméstica, entre outras), impacta diretamente na participação em formações continuadas e na qualidade do trabalho desenvolvido no contexto escolar.

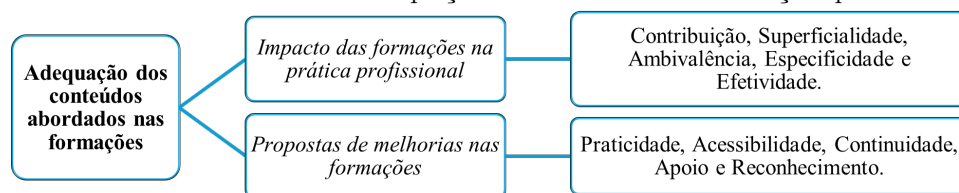
Esse cenário é corroborado por estudos como o de Viegas (2021), que aponta que as profissionais da Educação Infantil vivenciam intensificação do trabalho, com jornadas que se estendem para além do ambiente escolar, refletindo diretamente no adoecimento físico e emocional, bem como na dificuldade de acesso à formação continuada. Embora esses estudos sejam direcionados majoritariamente aos docentes, as semelhanças nas condições de trabalho permitem estender tais reflexões às auxiliares de sala, que compartilham dos mesmos desafios estruturais e organizacionais.

De modo geral, os relatos até aqui apresentados refletem a ausência e superficialidade das formações, de modo que elas não se configuram apenas como uma lacuna pedagógica: elas se inserem em uma estratégia institucional que mantém o trabalho do auxiliar em um lugar de baixa valorização e frágil reconhecimento profissional. Esses aspectos reforçam ainda mais a precarização da formação profissional que, no âmbito educacional, estão vinculados aos mecanismos estruturais de controle do trabalho docente e para-docente, que operam na lógica de garantir mão de obra barata e facilmente substituível (Santos, 2023), especialmente em funções ligadas ao cuidado, como é o caso dos auxiliares de sala que atuam no contexto da Educação Infantil.

### 1.4.3 Adequação dos conteúdos abordados nas formações às necessidades práticas da Educação Infantil

Este bloco teve como objetivo avaliar se os conteúdos das formações continuadas contribuem para o trabalho prático dos auxiliares de sala na Educação Infantil. As perguntas exploraram a percepção dos participantes quanto à utilidade dos conteúdos, as lacunas ainda existentes nas formações e as sugestões de temas considerados essenciais para uma boa atuação profissional. A análise revelou duas grandes categorias: impacto das formações na prática profissional e propostas de melhorias nas formações, conforme se observa na rede semântica da Figura 1.3 abaixo.

**Tabela 1.3:** Rede semântica da adequação dos conteúdos das formações práticas da EI.



**Fonte:** Os autores (2025).

A Figura 1.3 apresenta a rede semântica que sintetiza os principais resultados relacionados à adequação dos conteúdos abordados nas formações voltadas para os auxiliares de sala. Os dados foram organizados em dois eixos: o impacto percebido das formações na prática profissional e as propostas sugeridas pelas participantes para aprimorá-las.

#### 1.4.3.1 Impacto das formações na prática profissional

As percepções dos auxiliares sobre as formações foram divididas. Parte das entrevistadas afirmou que os conteúdos ajudaram a compreender o desenvolvimento infantil e a lidar melhor com as crianças no cotidiano. Nessa perspectiva, a Entrevistada 2 afirma que: “Sim, o conteúdo das formações que participei tem contribuído significativamente para a minha prática com as crianças”. Complementarmente, a Entrevistada 5 afirma que: “Sim. Muito. Como entender mais as crianças com TDAH, com Autismo, com as necessidades delas”.

No entanto, outras participantes consideraram as formações rasas ou pouco eficazes para lidar com as situações reais da sala de aula, como foi o caso da Entrevistada 1 que afirmou: “Não, de maneira nenhuma. Foi algo muito raso. Para ajudar com a questão da criança, teria que ser algo mais aprofundado” (E1).

Esses relatos indicam que, embora algumas formações sejam úteis, há ainda uma carência de abordagens mais profundas, práticas e específicas, voltadas as reais demandas da sala de aula. Em consonância com essa discussão, Tavares *et al.* (2023) evidenciam que os próprios professores reconhecem *déficits* no preparo dos auxiliares, o que conseqüentemente gera uma lacuna formativa que impacta no trabalho pedagógico, que por sua vez pode comprometer a qualidade do trabalho desempenhado por esses auxiliares.

#### 1.4.3.2 Propostas para melhorar nas formações

As auxiliares propuseram formas de tornar as formações mais eficazes: oferta em horários acessíveis, com conteúdo prático, acompanhamento pedagógico e momentos de troca entre os profissionais. Nesse sentido, a Entrevistada 2 ressalta que: “Seria importante oferecer formações contínuas e específicas, práticas, contextualizadas, em horários que não comprometam o tempo em sala” (E2). Concomitantemente, a Entrevistada 6 afirma: “Nós auxiliares precisamos de cursos para aprender mais sobre as crianças. Também é bom termos encontros para trocar ideias e receber apoio dos professores” (E6).

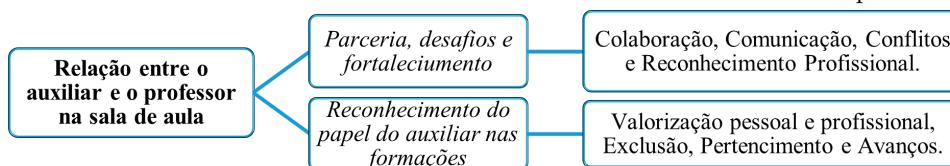
As propostas apontam para a necessidade de reconhecer o auxiliar como sujeito ativo no processo educativo, que precisa ser incluído nas políticas formativas de maneira efetiva. Existe um consenso sobre a fragilidade da formação oferecida aos auxiliares de educação infantil. Tanto as profissionais entrevistadas quanto a literatura acadêmica, incluindo autores como Jesus e Ferreira (2024a), Santos, Tavares e Anjos (2025), concordam que a formação é superficial, genérica, pouco aprofundada e desconectada da realidade da sala de aula.

A lacuna existente entre o conteúdo das formações e a prática cotidiana evidencia, ainda, a permanência da divisão entre o binômio “cuidar e educar” como campos distintos, e isso reflete uma divisão social do trabalho que se ancora em padrões de gênero e classe (Lima; Lima, 2020). À luz do que discute Andrade (2015), ao evidenciar a desvalorização histórica do trabalho do cuidado, atribuído majoritariamente às mulheres, os resultados desta pesquisa permitem avançar a reflexão, mostrando que essa lógica também se manifesta na fragmentação entre cuidado e trabalho pedagógico, que acaba por marginalizar o papel do auxiliar na rotina escolar.

#### 1.4.4 Dinâmica da relação entre o auxiliar de sala e o professor titular no contexto da prática educativa

Este bloco teve como objetivo compreender como se estabelece a relação entre auxiliares e professores no cotidiano da sala de aula, investigando aspectos como a clareza nas funções, existência de conflitos ou parcerias, comunicação entre os profissionais e o reconhecimento do papel do auxiliar nas formações. A análise revelou duas grandes categorias: parceria, desafios e fortalecimento e reconhecimento do papel do auxiliar nas formações, conforme a Figura 1.4 abaixo.

**Tabela 1.4:** Rede semântica da dinâmica entre os auxiliares de sala e o professor.



**Fonte:** Os autores (2025).

A Figura 1.4 apresenta uma rede semântica que resume os principais aspectos relacionados à dinâmica entre os auxiliares de sala e os professores no contexto da Educação Infantil. A partir das entrevistas, foi possível identificar parcerias, desafios e fortalecimento, como colaboração, comunicação, conflitos e reconhecimento profissional. Também foi possível identificar elementos acerca do reconhecimento do papel do auxiliar nas formações, como valorização pessoal e profissional, exclusão, pertencimento e avanços.

### 1.4.5 Parceria, desafios e fortalecimento na relação com os professores

A maioria das auxiliares relatou ter uma relação de parceria, apoio mútuo e colaboração com os professores titulares, reconhecendo que essa interação é essencial para o bom andamento da rotina escolar. Além disso, demonstram ter clareza sobre suas funções, embora haja flexibilidade na divisão das tarefas quando necessário, sempre pautada na cooperação.

Nessa perspectiva, a Entrevistada 2 afirma que: “Sim, uma parceria incrível que com certeza está me ajudando para minha futura formação e me auxiliando para ser uma profissional melhor” (E2). A Entrevistada 6 complementa essa perspectiva ao reforçar: “Sim, com certeza. A parceria... não tenho nada a reclamar” (E6).

Apesar das experiências majoritariamente positivas, surgem relatos de conflitos pontuais, falta de escuta e desvalorização da opinião do auxiliar. Nesses casos, as auxiliares destacam que a comunicação, o diálogo e o respeito são fundamentais para manter a parceria e fortalecer o trabalho conjunto, conforme relata a E1: “A comunicação é muito importante. A conversa tem que acontecer”, e a E5 “O certo, na minha opinião, era o professor chamar os auxiliares para conversar. Muitas vezes o auxiliar sabe mais daquela criança do que o próprio professor”.

Essa realidade reflete o que discutem Jesus e Ferreira (2024a), ao apontarem que, embora existam experiências de parceria no cotidiano escolar, essa relação muitas vezes é construída informalmente, sem um reconhecimento institucional efetivo. A ausência de clareza nas funções, somada à falta de escuta e de diálogo entre professores e auxiliares, gera tensões, conflitos e desvalorização do papel do auxiliar. Além disso, os autores reforçam que, quando há comunicação aberta, empatia e reconhecimento dos saberes que os auxiliares constroem no cotidiano, as relações se fortalecem e favorecem um ambiente colaborativo, que impacta diretamente no desenvolvimento das crianças.

Khater (2024) também destaca que a precarização do cargo de auxiliar, sem uma definição clara de suas atribuições e sem políticas específicas de formação e valorização, contribui para a sobreposição de funções e para conflitos na convivência escolar. Nesse sentido, é possível compreender que a parceria entre auxiliares e professores titulares se constrói, em grande parte, de modo informal, dependendo das disposições individuais de cada docente. A ausência de políticas institucionais claras para mediar essa relação contribui para o que Augé (1994) chama de “não lugar”, conceito que designa espaços de transitoriedade, sem identidade ou pertencimento. Esse “não lugar” é ocupado pelo auxiliar, que ora é reconhecido como colaborador pedagógico, ora reduzido a mero apoio logístico. Para Jesus e Ferreira (2024a), a ocupação desse “não lugar” pelos auxiliares fragiliza a sua identidade profissional e perpetua sua condição subalterna no espaço escolar.

### 1.4.5.1 Reconhecimento do papel do auxiliar nas formações

A maioria das entrevistadas relatou falta de reconhecimento formal do papel do auxiliar, especialmente nas formações institucionais. Nesse sentido, a Entrevistada 4 relata: “Na hora de cobrar, falam o que o auxiliar deve ou não fazer. Mas sobre reconhecimento, é pouquíssimo falado”. A Entrevistada 2 também argumenta que: “Em algumas formações, percebo que o papel do auxiliar ainda não é totalmente reconhecido ou valorizado. [...] Isso pode gerar um sentimento de exclusão”. Segundo a Entrevistada 6: “Eles não olham para a gente 100%. Eu acho que deveria reconhecer a gente”.

Por outro lado, alguns reconhecem pequenos avanços ou pontuam que há espaço para que esse reconhecimento cresça, como é o caso do relato da Entrevistada 3: “Como auxiliar de sala, deveria ter formações específicas para os auxiliares. O papel do professor é um, o do auxiliar é outro. Mas os dois se tornam um só”.

Esses relatos reforçam que, para além da atuação cotidiana, a inclusão do auxiliar nas formações como agente educativo ativo ainda é frágil e precisa ser fortalecida. Como destacam Santos, Tavares e Anjos (2025), é fundamental reconhecer o auxiliar como parte integrante da equipe pedagógica, garantindo sua participação em processos formativos contínuos, alinhados às demandas práticas da Educação Infantil. Diante desse cenário, torna-se necessário refletir sobre os caminhos possíveis para fortalecer essa função no contexto da Educação Infantil, o que será retomado a seguir nas considerações finais deste estudo.

## 1.5 Considerações finais

Este estudo teve como objetivo geral compreender a perspectiva de auxiliares de sala sobre a capacitação para atuação na educação infantil. Considera-se que esse objetivo foi alcançado, uma vez que a pesquisa possibilitou compreender, a partir da perspectiva dos próprios auxiliares, suas percepções, desafios e outros aspectos vinculantes à formação profissional.

O primeiro objetivo específico evidenciou que os principais desafios enfrentados pelos auxiliares de sala dizem respeito à ausência ou insuficiência de formação específica, à sobrecarga de funções e à dificuldade de conciliar a rotina profissional com as demandas pessoais. Esses fatores impactam diretamente na qualidade do trabalho desenvolvido e na valorização desses profissionais no cotidiano da Educação Infantil.

Em relação ao segundo objetivo específico, os dados mostraram que as formações recebidas pelas auxiliares são, em sua maioria, superficiais, genéricas e pouco conectadas com a prática real da sala de aula. Ainda assim, algumas participantes relataram experiências pontuais de formações mais efetivas, o que reforça a necessidade de ações formativas contínuas, contextualizadas e acessíveis.

Quanto ao terceiro objetivo específico, foi possível compreender que a relação entre os auxiliares e os professores titulares é marcada predominantemente por parceria e

colaboração, embora também existam situações de conflitos e falta de escuta. A comunicação aberta e o reconhecimento mútuo foram apontados como fatores-chave para o fortalecimento dessa relação e para o bom funcionamento da rotina escolar.

De modo geral, os resultados da pesquisa revelaram pontos extremamente relevantes, sendo que as principais dificuldades estão relacionadas à falta de reconhecimento formal do papel do auxiliar, à escassez de formações específicas e práticas, além da sobrecarga de trabalho associada à conciliação da vida profissional, acadêmica e pessoal.

Observou-se que, apesar dos desafios, os auxiliares constroem estratégias colaborativas no cotidiano escolar, buscando apoio entre si, com os professores e, em alguns casos, com a gestão escolar. A pesquisa também revelou que, embora existam relações de parceria, ainda há relatos de conflitos, falta de escuta e de valorização da atuação dos auxiliares.

Entre as principais limitações do estudo, destaca-se o recorte metodológico restrito à realidade de um município específico, com um número limitado de participantes, o que não permite generalizar os resultados para outros contextos.

Apesar dessas limitações, este trabalho traz contribuições significativas para o avanço do conhecimento sobre a atuação dos auxiliares na Educação Infantil, especialmente no que diz respeito às suas demandas formativas, dinâmicas de trabalho no ambiente escolar e a urgência de políticas públicas que reconheçam efetivamente seu papel pedagógico além do ato de cuidar.

Como sugestão para pesquisas futuras, recomenda-se a realização de estudos com amostras mais amplas, que envolvam diferentes regiões e realidades, bem como investigações que explorem as percepções dos professores e das equipes gestoras sobre a atuação dos auxiliares. Também seria relevante pesquisar os impactos de programas de formação continuada voltados especificamente para esses profissionais.

Este trabalho deixa como reflexão a importância de olhar com mais sensibilidade para os auxiliares de sala na Educação Infantil, reconhecendo que eles não são meros coadjuvantes no processo educativo, mas sim agentes fundamentais na construção de uma educação de qualidade, inclusiva e humanizada. Valorizar sua formação, suas experiências e seus saberes é um passo essencial para garantir uma educação infantil mais justa, acolhedora e transformadora.

Diante dos achados, confirma-se que a formação dos auxiliares de sala segue, de fato, em desalinho com as demandas da prática pedagógica, carecendo de reconhecimento institucional, especificidade e condições que assegurem uma atuação qualificada e valorizada na Educação Infantil.

O desalinho formativo dos auxiliares de sala não pode ser resumido às falhas operacionais das formações, mas sim como expressão de uma lógica estrutural que precariza e desvaloriza o trabalho humano e pedagógico de “cuidar e educar”. As redes de ensino e as gestões escolares, ao oferecerem formações superficiais e desarticuladas de planos de carreira, contribuem para manter esses profissionais em uma posição de subalternidade

e fragilidade contratual, enquanto as políticas públicas educacionais caminham a passos curtos rumo à proposição de melhorias trabalhistas para a valorização desses profissionais.

Urge a necessidade de avançar em políticas públicas que promovam a valorização profissional e institucional do auxiliar de sala, com leis trabalhistas e formações contínuas, específicas e integradas ao projeto pedagógico das escolas, que os reconheçam como sujeitos ativos e indispensáveis não apenas no cuidado, mas também na dimensão pedagógica, essencial para sustentar o processo integral de ensino e aprendizagem na educação infantil.

## 1.6 Referências

ABUCHAIM, Beatriz de Oliveira. Panorama das políticas de educação infantil no Brasil. Brasília: UNESCO, 2018. 115 p. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000261453/PDF/261453por.pdf.multi>. Acesso em: 28 ago. 2025.

ANDRADE, Cristiane Batista. O Trabalho de Cuidar e Educar: Gênero, Saber e Poder. Curitiba: Appris, 2015.

AUGÉ, Marc. Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, São Paulo: Papirus Editora, 1994.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BECKER, Fernando. Educação e construção do conhecimento. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Penso, 2012.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 27833, 23 dez. 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 26 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Parecer CNE/CEB nº 2/2002, aprovado em 29 jan. 2002. Consulta sobre as condições de formação dos profissionais – professores ou outras – para a Educação Infantil. Relator: Kuno Paulo Rhoden. Homologado pelo Despacho do Ministro em 25 jun. 2002, publicado no Diário Oficial da União, Brasília, DF, 27 jun. 2002. Seção 1, p. 56. Disponível em: [https://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb002\\_02.pdf](https://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb002_02.pdf). Acesso em: 27 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF: MEC/SEB, 2010. Disponível em: [https://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares\\_2012.pdf](https://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf). Acesso em: 26 jun. 2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB no 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial da União, Brasília, DF, n. 242, Seção 1, p. 18, 18 dez. 2009. Disponível em:

[https://www.seduc.ro.gov.br/portal/legislacao/RESCNE005\\_2009.pdf](https://www.seduc.ro.gov.br/portal/legislacao/RESCNE005_2009.pdf). Acesso em: 29 jun. 2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Seção 1, p. 59. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html). Acesso em: 28 jun. 2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 mai. 2016. Seção 1, p. 44. Disponível em: [https://www.in.gov.br/materia/-/asset\\_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/22917581](https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/22917581). Acesso em: 28 jun. 2025.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei n. 1.377, de 1º de abril de 2025. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de Auxiliar de Vida Escolar (AVE) em âmbito nacional e estabelece diretrizes para sua atuação. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2025. Disponível em: <https://infoleg-autenticidade-assinatura.camara.leg.br/CD254104514100>. Acesso em: 26 jun. 2025.

JESUS, Livia Karen Figueiredo; FERREIRA, Lucia Gracia. Auxiliares de classe e a construção do “não lugar” profissional na educação infantil. Zero-a-Seis, Minas Gerais, v. 26, n. 50, p. 731. 2024a. DOI: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2024.e99444>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroais/article/view/99444>. Acesso em: 28 ago. 2025.

JESUS, Livia Karen Figueiredo de; FERREIRA, Lúcia Gracia. Auxiliares de classe da educação infantil: um balanço sobre editais e pesquisas acerca destes trabalhadores. Educação em Foco, Belo Horizonte, ano 27, n. 53, p. 1-28, set./dez. 2024b. DOI: <https://doi.org/10.36704/eef.v27i53.8482>. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/8482>. Acesso em: 28 ago. 2025.

KHATER, Eduardo. A formação profissional para atuação na Educação Infantil: Desafios, práticas e qualidade do ensino. Revista Educação em Foco, [S.l], edição n. 16, 2024, p. 196-210. Disponível em: <https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2024/11/A-FORMA%C3%87%C3%83O-PROFISSIONAL-PARA-ATUA%C3%87%C3%83O-NA-EDUCA%C3%87%C3%83O-INFANTIL-DESAFIOS-PR%C3%81TICAS-E-QUALIDADE-DO-ENSINO-p%C3%A1g-196-%C3%A0-210.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2025.

KRAMER, Sônia. A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

- LEONEL, Antônio dos Santos; LEONEL, Ronaldo dos Santos; COSTA, Joab Marques da; SALES, Maxilene Ferreira; SILVA, Aldemberg Meireles Soares da; SILVA, Raquel Damares Machado Meireles da. Um olhar sobre a prática do profissional de apoio à alunos com Transtorno do Espectro Autista (tea) da rede municipal de ensino em Altamira – Pará. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, [S. l.], v. 8, n. 5, p. 552–566, 2022. DOI: 10.51891/rease.v8i5.5511. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/5511>. Acesso em: 30 jun. 2025.
- LIMA, Raquel Garcia Braga de; LIMA, Rita de Cássia Pereira. *Representações sociais em narrativas de vida*. Curitiba: Appris, 2020.
- MANDL, Alexandre Tortorella. As relações de trabalho na educação infantil: potencialidades e desafios para a luta sindical na tríade classe-raça-gênero a partir das revelações do Movimento Somos Todas Professoras. *Revista Ciências do Trabalho*, [S.l.], n. 27, 2025. Disponível em: <https://rct.dieese.org.br/index.php/rct/article/view/494>. Acesso em: 24 ago. 2025.
- MINEIRO, Márcia; SILVA, Mara A. Alves da; FERREIRA, Lúcia Gracia. Pesquisa qualitativa e quantitativa: Imbricação de múltiplos e complexos fatores das abordagens investigativas. *Momento - Diálogos em Educação*, [S. l.], v. 31, n. 03, p. 201–218, 2022. DOI: 10.14295/momento.v31i03.14538. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/14538>. Acesso em: 5 jun. 2025.
- OLIVEIRA, Silvaney; GUIMARÃES, Orlinay Maciel; FERREIRA, Jacques de Lima. As entrevistas semiestruturadas na pesquisa qualitativa em educação. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 24, n. 55, p. 210–236, 2023. DOI: 10.5965/1984723824552023210. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/21779>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- PIAGET, Jean. *A psicologia da criança*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1976.
- PINHEIRO, Maria Nerice dos Santos. “Não! a auxiliar não é a professora”: o papel das auxiliares da educação infantil no contexto de creche no município de Fortaleza. 2017. 342 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/29900/1/2017\\_dis\\_mnspinheiro.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/29900/1/2017_dis_mnspinheiro.pdf). Acesso em: 29 jun. 2025.
- SGROGLIA, Rose. *Iniciando o aprender: Crianças pequenas de 4 anos*. São Paulo: Joaninha, 2020.
- SILVA, Adriana Maria da; LINS, Rosineide dos Santos. O lugar do auxiliar de sala de aula e o do docente na educação infantil: limites e tensões. 2024. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Fundação Educacional do Baixo São. Maceió, Alagoas, 2024. Disponível em: <https://raimundomarinho.edu.br/rtda/files/original/7d0ec3db7888163fd984cf4892ae61fac9135be7.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2025.

SANTOS, Charllane Synara Assis dos; TAVARES, Maria Janailma Barbosa; ANJOS, Cleriston Izidro dos. Auxiliares na educação infantil: reflexões sobre identidade e docência. Cadernos Cajuína, [S. l.], v. 10, n. 1, p. e755, 2025. DOI: 10.52641/cadcajv10i1.755.

Disponível em: <https://v3.cadernoscajuina.pro.br/index.php/revista/article/view/755>.

Acesso em: 29 jun. 2025.

SANTOS, Edlauva. Necessidades formativas de professores iniciantes que ensinam matemática nos anos iniciais. São Paulo: Editora Dialética, 2023.

SOUZA, Emily Bomfim. Auxiliares na Educação Infantil: Entre cuidar e educar. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, ano 05, ed. 12, vol. 06, pp. 152-163, 2020. DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/educacao/auxiliares-na-educacao.

Disponível em: [https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/auxiliares-na-educacao#google\\_vignette](https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/auxiliares-na-educacao#google_vignette).

Acesso em: 28 ago. 2025.

TAVAREZ, Rita de Cássia Monteiro. Auxiliar de apoio ao educando: Que função é essa? 2019. 47 f. Monografia (Especialização em Formação de Educadores para a Educação Básica) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em:

[https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/34089/1/tcc\\_Rita\\_2019.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/34089/1/tcc_Rita_2019.pdf). Acesso em: 27 jun. 2025.

TAVARES, Maria Janailma Barbosa da; SANTOS, Charllane Synara Assys dos; OLIVEIRA, Manasséis da Silva; ANJOS, Cleriston Izidro dos. Profissionais de apoio no cotidiano da Educação Infantil na perspectiva de docentes: um estudo exploratório. In: VIII Congresso Nacional de Educação – CONEDU. João Pessoa, PB, 2023. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2022/TRABALHO\\_COMPLETO\\_EV174\\_MD1\\_ID12781\\_TB3139\\_05122022234755.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2022/TRABALHO_COMPLETO_EV174_MD1_ID12781_TB3139_05122022234755.pdf). Acesso em: 20 jun. 2025.

VALLE, Paulo Roberto Dalla; FERREIRA, Jacques de Lima. Análise de conteúdo na perspectiva de Bardin: Contribuições e limitações para a pesquisa qualitativa em educação. Belo Horizonte, Educação em Revista, v. 41, p. 1-21, 2025. DOI:

<http://dx.doi.org/10.1590/0102-469849377>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/hhywJFvh7ysP5rGPn3QRFWf/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 02 mai. 2025.

VIEGAS, Moacir Fernando. Trabalhando todo o tempo: sobrecarga e intensificação no trabalho de professoras da educação básica. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 48, e244193, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248244193>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ep/a/7Jx7mQXpBGZp5CLgcW94WHy/>. Acesso em: 10 jun. 2025.